



PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EM UMA INSTITUIÇÃO SOCIOEDUCATIVA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*Tamires de Lima Sousa Santos**
Tereza Raquel dos Santos

DOI: <https://doi.org/10.23901/1679-4605.2022v18n1p275-287>

RESUMO

Intervenções psicoeducativas em grupo têm sido práticas utilizadas em contextos institucionais, com o intuito de romper com o paradigma tradicional clínico. Nesse contexto, no presente relato discute-se intervenções psicológicas realizadas por duas estudantes do curso de Psicologia, em um Centro de Atendimento Socioeducativo do município de Petrolina-PE. Tais atividades contemplaram oito adolescentes do sexo masculino, com idades entre 17 e 18 anos. Nos encontros foram trabalhadas as seguintes temáticas: Emoções; Família; Empatia; Resolução de Conflitos e Autocontrole; Autoconceito e Autoestima; e Comportamento Pró-Social. O último encontro foi dedicado ao encerramento. A experiência possibilitou às mediadoras do grupo o manejo de atividades que ainda são pouco realizadas em contexto de socioeducação de adolescentes, bem como permitiu aos socioeducandos um espaço de escuta acolhedora e de aprendizagem de habilidades necessárias para construção de autonomia. As discussões foram realizadas à luz de trabalhos que versam sobre a socioeducação no Brasil, assim como de literatura voltada para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Palavras-chave: Adolescentes. Socioeducação. Psicologia. Instituição.

PSYCHOLOGICAL INTERVENTIONS IN A SOCIAL-EDUCATIONAL CONTEXT: AN EXPERIENCE REPORT

ABSTRACT

Group psychoeducational interventions have gained traction in institutional contexts, aiming to move beyond traditional clinical paradigms. This experience report presents and discusses psychological interventions carried out by two psychology students at a Socio-Educational Service Center in Petrolina, Pernambuco. The interventions targeted eight male adolescents, aged 17 to 18, addressing themes such as emotions, family dynamics, empathy, conflict resolution, self-control, self-concept, self-esteem, and pro-social behavior. The final session was dedicated to a closing activity. This

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Vale do São Francisco (UNIVASF), Petrolina/PE. Contato: tdelima20@gmail.com.

experience allowed the facilitators to manage activities that are still underutilized in adolescent socio-education settings, while also providing a supportive environment for the adolescents to learn essential skills for building autonomy. Discussions were grounded in Brazilian socio-educational frameworks and literature on socio-emotional skill development.

Keywords: Adolescents. Socio-Education. Psychology. Institutional Care.

PRÁTICAS PSICOLÓGICAS EN UNA INSTITUCIÓN SOCIOEDUCATIVA: UN INFORME DE EXPERIENCIA

RESUMEN

Las intervenciones psicoeducativas grupales se han utilizado en contextos institucionales, con el fin de romper con el paradigma clínico tradicional. En este contexto, el presente informe de experiencia presenta y discute las intervenciones psicológicas realizadas por dos estudiantes del curso de Psicología, en un Centro de Servicios Socioeducativos de la ciudad de Petrolina-PE. En dichas actividades participaron ocho adolescentes varones, con edades comprendidas entre los 17 y los 18 años. En las reuniones se trabajaron los siguientes temas: Emociones; Familia; Empatía; Resolución de conflictos y autocontrol; Autoconcepto y Autoestima; y Conducta prosocial. La última reunión estuvo dedicada al cierre. La experiencia permitió a los mediadores del grupo gestionar actividades que aún se realizan mal en el contexto de la socioeducación adolescente, además de brindar a los estudiantes socioeducativos un espacio para la escucha acogedora y el aprendizaje de las habilidades necesarias para construir la autonomía. Las discusiones se desarrollaron a la luz de trabajos que tratan de la socioeducación en Brasil, así como de literatura enfocada en el desarrollo de habilidades socioemocionales.

Palabras clave: Adolescentes; Socioeducación; Psicología; Institución.

INTRODUÇÃO

O marco histórico de inserção da Psicologia na rede pública do Brasil foi a década de 1980. Até então, psicólogos adentravam timidamente instituições psiquiátricas e ainda não traziam em suas práticas questões político-sociais, nem mesmo uma ética psicológica voltada para o acolhimento dos processos da vida e suas constantes modificações ([ANDRADE; MORATO, 2004](#)).

Conforme [Dutra \(2004\)](#), questões contemporâneas demandam dos psicólogos o trabalho com uma clínica não-tradicional, repensando técnicas engessadas e levando em consideração aspectos históricos e sociais, promovendo ações de saúde. Neste caminho, alguns trabalhos têm apontado a importância do profissional de psicologia em instituições diversas e, entre elas, estão as que se embasam no princípio de proteção integral de crianças e adolescentes, como os Centros Socioeducativos ([RODRIGUES; OLIVEIRA, 2017](#); [COSTA; MENDONÇA, 2016](#)).

No contexto de instituições socioeducativas de adolescentes em conflito com a lei, a prática psicológica é entrelaçada a outras áreas, como o serviço social e a pedagogia. Essa prática, nesse sentido, envolve crianças e adolescentes que tiveram os seus direitos violados por estarem inseridos em ambientes de pobreza econômica, social e de estímulos afetivos e cognitivos, sendo necessárias habilidades terapêuticas específicas para lidar com esse público que está em fase de desenvolvimento ([FONSÊCA; DEVELATI, 2013](#); [PADOVANI, 2003](#)).

De todo modo, embora a Lei que implementa o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo ([BRASIL, 2012](#)) aponte que devem ser realizadas ações de atenção integral ao adolescente, a literatura tem relatado contextos institucionais punitivos, desconsiderando que além da responsabilização desses sujeitos, a proposta do Sinase é de também promover autonomia e melhorar as relações interpessoais dos adolescentes ([FONSÊCA; DEVELATI, 2013](#)).

[Ferrão, Santos e Dias \(2016\)](#), em prática realizada numa Fundação de Atendimento Socioeducativo do Rio Grande do Sul, realizaram procedimentos referentes à justiça restaurativa com os adolescentes institucionalizados. Esses autores utilizaram a metodologia dos Círculos de Compromisso, planejando com os adolescentes passos essenciais para a sua saída da instituição, bem como mapeando uma rede ativa com a qual eles poderiam contar ao voltar para a comunidade.

[Rodrigues e Oliveira \(2017\)](#) vão na mesma linha de raciocínio dos autores anteriormente mencionados, apontando a necessidade de a prática socioeducativa não ter como foco a correção de comportamentos desviantes ou mesmo a vitimização dos adolescentes, mas a promoção de consciência crítica. Este aspecto ilustra que as medidas propostas aos adolescentes pelo Sinase, as quais estão de acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), desaprova o ato infracional, mas está principalmente interessado na quebra de padrões de infração por meio de reflexões educativas.

Nesse contexto, [Padovani \(2003\)](#), ao trabalhar com adolescentes em conflito com a lei, realizou intervenções baseadas em resoluções de problemas, promovendo habilidades que contribuíssem para o bem-estar psicossocial dos jovens abarcados. Esse autor fez uso de técnicas de relaxamento, controle de raiva, assertividade, análise de pensamentos disfuncionais, etc. Ele afirma que a resolução de problemas se demonstra como um bom instrumento justamente por fornecer aos sujeitos alternativas para lidarem com situações adversas em diferentes contextos.

Desse modo, considerando que em instituições socioeducativas psicólogos têm como um de seus papéis a promoção de habilidades emocionais e sociais, por meio de grupos de psicoeducação, orientação/treinamento e escuta acolhedora ([SANTANA et al., 2014](#)), o objetivo deste trabalho é relatar experiências vinculadas a tais práticas, as quais foram vivenciadas por duas estudantes do curso de psicologia em uma instituição que voltada para socioeducandos.

METODOLOGIA

O presente artigo foi desenvolvido a partir de oficinas realizadas em um Centro de Atendimento Socioeducativo (CASE) do município de Pernambuco, o qual é destinado a adolescentes do sexo masculino. Os encontros estiveram vinculados à disciplina de Práticas Clínicas em Contextos Institucionais, do curso de Psicologia da Universidade Federal do Vale do São Francisco (Univasf). Os encontros foram ministrados por duas estudantes, entre os meses de novembro de 2019 e janeiro de 2020, com supervisão da equipe técnica do CASE, bem como da docente da disciplina referida. Foram realizados 07 encontros, com duração média de uma hora e meia cada, na sala de Informática da instituição.

Para que fosse estudada a possibilidade de realização de atividades psicoeducativas no CASE, estabeleceu-se contato prévio por telefone com a psicóloga da instituição e, posteriormente, dois encontros presenciais com a equipe técnica completa, também composta por profissionais do serviço social e pedagogia.

Por meio dos primeiros contatos, foi obtida a Carta de Anuência da instituição, para que as atividades fossem realizadas com os adolescentes. A partir desses primeiros diálogos, houve a seleção dos adolescentes. Foram critérios de inclusão: o socioeducando estudar em turno oposto ao das oficinas, ter o tempo de permanência no CASE de pelo menos até o mês de janeiro de 2020 e o socioeducando manifestar interesse em participar da atividade. Todos os adolescentes incluídos poderiam sair dos grupos, caso manifestassem esse desejo, como não se configurava como atividade obrigatória.

Os oito socioeducandos selecionados estavam na faixa etária dos 17 aos 18 anos de idade. Todos esses se encontravam institucionalizados por terem realizado atos infracionais mais graves, conforme a Lei do Sinase.

Os procedimentos metodológicos das oficinas foram elaborados a partir da perspectiva da Terapia Cognitivo Comportamental (TCC). Foram utilizados materiais lúdicos, como jogos e recursos de vídeo para o treinamento de habilidades sociais.

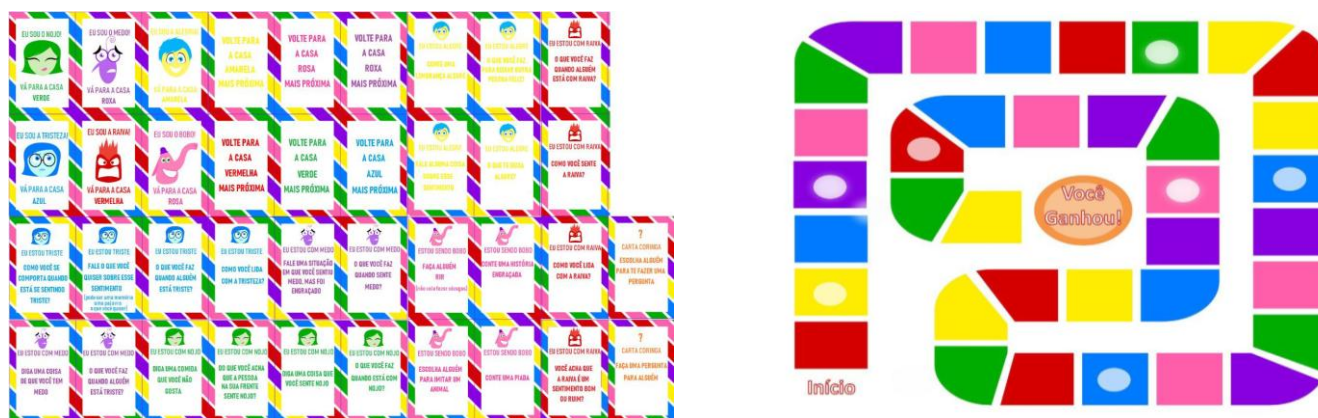
Etapas desenvolvidas no grupo

1ª oficina: Emoções

A primeira oficina teve como objetivo conhecer os jovens e compreender como lidavam com as suas próprias emoções e com as de seus pares. Utilizou-se o *Jogo das Emoções*, adaptado pelas autoras do presente trabalho (Figura 01). Este é um jogo de tabuleiro e cartas em que os participantes respondem questões e descrevem memórias acerca da alegria, tristeza, nojo, medo e raiva. A adaptação do jogo contou com a utilização de *rappers* como avatares.

Figura 1. Jogo das emoções.

Fonte: As autoras.



2ª oficina: Família

Essa oficina teve como objetivo compreender aspectos das relações familiares dos adolescentes e questões de vínculo. No primeiro momento foi solicitado que eles desenhasssem suas famílias. Foram utilizados papéis, tintas e lápis de cor. Em seguida, cada participante apresentou o desenho para o grupo. Em um segundo momento, uma caixa com perguntas foi utilizada como disparadora para compreender acerca da rede de apoio e história dos participantes. (ex. *O que você gostaria que fosse diferente na sua família?*, *Como você conheceu a primeira pessoa que você gostou?*, *Quem mais te escuta?*, etc). Cada adolescente tirava uma pergunta da caixa, respondia e fazia a mesma pergunta para outro participante do grupo, o qual respondia e pegava outra pergunta da caixa, e assim por diante. Apesar de a dinâmica ser construída por meio de perguntas e respostas, caso os adolescentes demonstrassem que não gostariam de responder algum tópico, eles passavam a vez. Desse modo, o cuidado com a intimidade dos participantes foi preservado, não sendo necessário que estes falassem sobre aspectos de sua vida pessoal para os quais não estivessem confortáveis naquele espaço.

3ª oficina: Empatia

Foi utilizado o episódio “Todo mundo odeia a Corleone”, da série Todo Mundo Odeia o Chris, com o objetivo de discutir alguns tópicos da narrativa, promover reflexões e oportunizar o exercício de tomada de perspectiva (um dos componentes da empatia). No enredo do episódio trabalhado, após vivenciar diversas experiências de preconceito racial na escola Corleone, o protagonista Chris se convence de que precisa estudar em outra instituição. Ao conversar com a sua mãe a respeito do assunto, esta explica que não o colocou na Corleone para ser popular e sim para ter uma boa educação. Ademais, a mãe do protagonista não valida o seu sentimento de exclusão. Deste modo, Chris busca formas para que seja afastado da escola, o que o leva a praticar infração escolar. Quando um de

seus atos o leva à suspensão, a sua mãe, novamente, não o escuta plenamente e conta ao pai a respeito do acontecido. No desfecho da história, Chris percebe que, mesmo sendo transferido de escola, os problemas continuavam os mesmos ou até piores do que antes. Após assistir a este episódio, foram realizados alguns questionamentos para os adolescentes, a exemplo de: *Como você acha que a mãe do Chris poderia ter agido, após ele contar que estava se sentindo mal com a escola e os maus-tratos dos colegas? Como você acha que o Chris se sentiu ao saber que a mãe contaria ao pai a respeito da suspensão?, Por que você acha que a mãe do Chris não gostava de incomodar o pai dele com más notícias?*

4ª oficina: Resolução de conflitos e autocontrole

A proposta dessa oficina foi a de trabalhar a resolução de conflitos, impulsividade e autocontrole. Os materiais utilizados foram uma Torre de Hanói e alguns instrumentos retirados da tese de [Padovani \(2003, p. 46\)](#): “Análise de repertório de resolução de problemas”, “Preparando-se para a provocação”, a história “O biscoito”, e “estratégias para solucionar problemas”. O passo a passo foi:

1º- Utilizou-se a torre de Hanói como dinâmica de quebra-gelo, com o intuito de demonstrar estratégias de resolução de problemas, uso de regras e dificuldades em realizar a tarefa. Posteriormente, esse problema foi conectado com problemas da vida real.

2º- Análise de repertório de resolução de problemas: Os adolescentes descreveram problemas já vivenciados e, em seguida, as possíveis consequências e soluções para esses problemas.

3º-Preparando-se para a provocação: Os adolescentes responderam a questões imaginando serem provocados por alguém.

4º- Discutiu-se sobre as estratégias assertivas para solucionar os problemas, evitar comportamentos impulsivos e manejar a raiva.

5ª oficina: Autoconceito e autoestima

O objetivo foi trabalhar a autoestima e o autoconceito. Foram entregues fichas com a história de vida de super-heróis populares, os desafios vivenciados por eles, suas qualidades e seus defeitos. As fichas foram adaptadas do trabalho de [Gurgel et al. \(2016\)](#) (Figura 02). Cada adolescente tinha como tarefa ler a descrição dos personagens, sem revelar os seus respectivos nomes, com o intuito de que o grupo descobrisse a quem se referia. No final, quem estava apresentando o herói deveria dizer se houve alguma identificação com o personagem e listar suas próprias qualidades, história de vida e defeitos, seguindo um modelo parecido com o das fichas.

Práticas psicológicas em uma instituição socioeducativa: um relato de experiência



Figura 2. Exemplo de ficha com as características do herói.

Fonte: As autoras.

6ª oficina: Comportamento pró-social

A sexta oficina teve como objetivo observar o comportamento pró-social a partir de um jogo elaborado pelas autoras (Figura 03). O jogo utilizava bombons e cartas. Cada jogador iniciava com dois bombons e, de acordo com o que estava escrito nas cartas, eles perdiam ou ganhavam mais doces. Em alguns momentos, os jogadores se deparavam com dilemas que envolviam beneficiar os demais jogadores, ao invés de beneficiar a si mesmo naquela jogada. Ao passarem por estes dilemas, os jogadores que optavam por beneficiar todo o grupo obtinham bombons extras. No final da oficina discutiu-se o jogo e como cada um se sentiu.

Figura 3. Cartas do jogo “do perde e ganha”.

CARTA DO AZAR DISTRIBUA TODAS AS SUAS BALAS	VOCÊ ESTÁ SEM SORTE, DÊ UMA BALA A ALGUÉM!	NÃO É SEU DIA DE SORTE! DÊ UMA BALA A PESSOA DO SEU LADO!	DÊ SUAS BALAS PARA ALGUÉM QUE TENHA POUCAS!	VOCÊ ESTÁ COM SORTE! PEQUE UMA BALA DE CADA UM!
PEQUE 1 BALA DE ALGUÉM E DÊ A OUTRA PESSOA!	DÊ TODAS AS SUAS BALAS A ALGUÉM E GANHE O DOBRO DE BALAS QUE VOCÊ TINHA	JOGUE OS DADOS VOCÊ GANHOU O NÚMERO QUE SAIU EM BALAS!	ESCOLHA ALGUÉM PARA DAR TODAS AS SUAS BALAS!	ESCOLHA: 1- PEGAR TODAS AS BALAS DA PESSOA A SUA DIREITA, OU 2- JOGAR OS DADOS E RECEBER EM BALAS!
CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- FICAR SEM BALAS OU 2- DEIXAR TODOS COM APENAS UMA BALA	VOCÊ ESTÁ COM SORTE! JOGUE OS DADOS E VOCÊ GANHARÁ O NÚMERO EM BALAS	TENTE A SORTE! JOGUE OS DADOS 3 VEZES SE SAIR O NÚMERO 12 TODOS GANHARÃO 2 BALAS	CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- JOGAR OS DADOS E GANHAR EM BALAS OU 2- DEIXAR ALGUÉM QUE TEM MENOS BALAS JOGAR.	TROQUE DE BALAS COM ALGUÉM.
JOGUE OS DADOS VOCÊ GANHOU O NÚMERO QUE SAIU EM BALAS, PORÉM TERÁ QUE DIVIDIR COM ALGUÉM!	ESCOLHA ALGUÉM QUE VOCÊ CONFIAR PARA JOGAR OS DADOS POR VOCÊ.	CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- TODOS PERDEM UMA BALA MENOS VOCÊ OU 2- TODOS GANHAM UMA BALA (MENOS VOCÊ).	CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- PEGUE UMA BALA DE ALGUÉM E ENTREGUE A OUTRA PESSOA OU 2- PERCA UMA BALA.	CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- CADA UM VAI DAR UMA BALA A PESSOA QUE TEM MENOS OU 2- A PESSOA QUE TEM MENOS VAI PERDER SUAS BALAS.
CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- ENTREGAR SUAS BALAS PARA QUEM TEM MENOS OU 2- PEGAR AS DE QUEM TEM MAIS.	CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- TODOS PERDEM UMA BALA OU 2- SE VOCÊ PERDE UMA BALA.	CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- CADA UM VAI DAR UMA BALA ALGUÉM OU 2- A PESSOA QUE TEM MENOS VAI PERDER SUAS BALAS.	CARTA CORINGA ELOGIE ALGUÉM DE FORMA SINCERA E GANHE 5 BALAS.	CARTA CORINGA ESCOLHA: 1- DISTRIBUA SUAS BALAS ENTRE OS COLÍGAS OU 2- PERDA-LAS.

Fonte: As autoras.

7ª oficina: Filme e encerramento

Para encerrar as práticas, foi exibido um filme de escolha dos adolescentes, o longa-metragem *Cidade de Deus* (2002), dirigido por Fernando Meirelles. Após o filme, foi feita uma pequena discussão sobre o longa-metragem e solicitado que cada um avaliasse o encontro e os momentos vivenciados nas oficinas anteriores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As intervenções realizadas no CASE proporcionaram reflexões importantes acerca do Sistema Socioeducativo brasileiro, além de deixar mais evidente o papel da psicologia como promotora de saúde em instituições que atendem adolescentes em conflito com a lei. O diálogo com os profissionais da equipe técnica e o contato direto com os socioeducandos possibilitaram a construção de intervenções próximas à realidade dos adolescentes, levando em consideração as suas particularidades e as necessidades do campo. Como destacam [Rodrigues e Oliveira \(2017\)](#), o sistema socioeducativo enfrenta diversos desafios, a exemplo da garantia dos direitos dos adolescentes que cometem atos infracionais e da garantia de que o foco esteja no processo pedagógico dentro da instituição. Desse modo, enquanto presente nesse espaço, a psicologia deve configurar-se como instrumento efetivo de promoção de desenvolvimento humano, saúde emocional/psicológica e de autonomia, viabilizando práticas coerentes com o contexto socioeducativo e conectadas com as leis de proteção aos adolescentes.

Com o objetivo de potencializar a escuta e trabalhar aspectos relacionados a habilidades psicológicas e sociais, as oficinas foram elaboradas utilizando recursos diversos, como vídeos, desenhos e jogos. Consideraram-se as particularidades dos adolescentes durante a construção das oficinas, como a linguagem e a alfabetização destes, para que todos tivessem a oportunidade de se expressar e elaborar as atividades. Conforme aponta a literatura, o lúdico é um mecanismo de acesso ímpar a aspectos afetivos, uma vez que possibilita a interação social e expressão de forma espontânea. Entretanto, para que possua efetividade, esse recurso deve ser pensado de forma adaptada ao público-alvo, com o intuito de garantir o engajamento nas atividades ([ROLOFF, 2010](#)). Considerando esse contexto, buscou-se na primeira oficina conhecer os socioeducandos observando o modo como eles reconheciam e lidavam com as suas emoções, utilizando, para isso, o Jogo das Emoções como recurso. Todavia, antes de dar início ao jogo, houve a apresentação das mediadoras, dos adolescentes e da proposta das oficinas. Neste momento, também foi construído o contrato com o grupo, com o esclarecimento a respeito da possibilidade de desistência por parte dos adolescentes e acerca da importância do sigilo.

Nos aspectos observados no jogo no que se referia à percepção dos jovens sobre as suas emoções, destacou-se o medo dos adolescentes relacionado aos seguintes aspectos: morte, delegacia, policiais, de serem machucados fisicamente e de acontecer algo negativo com a família. A raiva foi apontada pela maioria dos adolescentes como algo ruim de ser vivenciado, por provocar comportamentos impulsivos que levavam à agressão. A respeito de como eles lidam com o nojo, foram relatadas conexões com a evitação de algumas pessoas, assim como aspectos relacionados ao vômito e sujeira. No que diz

respeito à emoção de alegria, as conexões realizadas foram com a família, com as pessoas com as quais possuíam relacionamento amoroso, com momentos em que estiveram em exercício da liberdade e com contextos em que era possível o contato com pessoas novas.

A maioria dos adolescentes teve dificuldade para relembrar memórias relacionadas a algumas emoções, principalmente no que diz respeito à alegria. Alguns afirmaram não ter memórias alegres. Sobre as memórias tristes, os participantes elencaram eventos relacionados ao término de relacionamentos afetivos e a quando foram levados pela polícia.

No que se refere à segunda oficina, esta teve como foco identificar a rede de apoio e o relacionamento dos adolescentes com as suas respectivas famílias. Compreender esses aspectos foi necessário porque esses vínculos podem ser fatores de proteção para que os adolescentes não se engajem em comportamentos infracionais, ao mesmo tempo em que podem ter papel importante na ressignificação de comportamentos de risco, caso já tenham realizado infrações ([NARDI; DELL' AGLIO, 2012](#)). Durante esse encontro, os adolescentes indicaram figuras femininas como rede de apoio, a exemplo da mãe e da avó. Ao serem perguntados sobre quem eles gostariam que os escutassem, foram colocados os pais e os avós. Os adolescentes ainda mencionaram que a união é um aspecto que gostariam que fosse modificado no contexto familiar, e um deles afirmou que gostaria de ser parecido com o pai. Questionados a respeito de possíveis mudanças na história de vida, a maioria trouxe a respeito de atitudes passadas relacionadas ao ato infracional.

Já na terceira oficina, o episódio de Todo Mundo Odeia o Chris fez emergir tópicos como: racismo, questões de gênero, estratégias de resolução de conflitos, empatia, violência e estilos parentais. Quando questionados sobre o porquê de os colegas do Chris não gostarem dele na escola, os adolescentes responderam que isso se explicava pelo fato de que o personagem era negro. Os adolescentes conectaram essa cena com as próprias experiências, lembrando que, durante uma revista policial na instituição em que estavam inseridos, um dos policiais chamou um socioeducando de “criolo”.

Acerca da violência no que se refere ao contexto familiar, um dos participantes relatou: *“Já apanhei de tudo que é jeito... pedaço de pau, chinela, cinto, murro, tudo”*. Outro participante mencionou que possuía dificuldade para falar a respeito deste assunto, devido aos maus-tratos já vivenciados. Conforme [Crooks et al. \(2011\)](#), maus-tratos na infância são preditores de dificuldades em relacionamentos, desregulação emocional, assim como de comportamentos transgressores. Desse modo, ressalta-se a importância de que esse tipo de medida disciplinar seja desincorporada da sociedade, o que está de acordo com a lei nº 13.010, de 26 de junho de 2014, a qual expressa que as crianças devem ser educadas sem o uso de castigos físicos ou qualquer tipo de tratamento cruel.

Para finalizar, outro ponto trazido nesta oficina pelos adolescentes referiu-se a questões de gênero, ao ser trabalhada uma frase dita pelo pai do Chris (*“Você é um homem e homem não desiste”*). Neste contexto, perguntou-se o que os adolescentes achavam dessa afirmação. Eles mencionaram que concordavam, mas acreditavam que se tratava de uma ideia machista, pois a frase não incluía as mulheres. Nesta discussão, os adolescentes demonstraram que possuíam alguma familiaridade com questões de gênero.

Já no que se refere ao quarto encontro, que objetivou trabalhar a resolução de problemas e o autocontrole, os adolescentes começaram conhecendo o jogo Torre de Hanói e suas regras. Com o passar das tentativas, os adolescentes conseguiram planejar melhor os movimentos para chegar à etapa final do jogo. Esse treino cognitivo lúdico foi utilizado com o objetivo de ilustrar para os adolescentes que, para chegar à resolução de

problemas, precisa-se estar familiarizado com os aspectos do problema enfrentado, bem como ser estabelecido um planejamento ([SANT'ANNA et al., 2007](#)).

Na atividade seguinte, realizada no mesmo dia, os adolescentes trouxeram problemas concretos de suas vidas, delimitando prejuízos a curto e em longo prazo, identificando os sentimentos e pensamentos que geralmente estão ligados aos seus atos impulsivos e buscando formas alternativas de comportamento. Foram trazidos problemas relativos aos atos infracionais, à relação com a escola, ao uso de substâncias psicoativas e às brigas com os pares.

A respeito da resolução de seus próprios problemas, a maioria afirmou ter dificuldade para pensar em soluções e alguns escreveram que não havia solução para alguns problemas. Outros trouxeram em suas falas soluções como: *"Pensar diferente quando sair do CASE"*, *"Ser paciente"*, *"Tentar ser diferente"*, *"Tentar ser visto de forma diferente"*, *"Ter fé em Deus"*, *"Voltar à escola"*, *"Evitar fazer o mal"*. Os socioeducandos trouxeram que algumas consequências de seus problemas foram: a internação no CASE, a preocupação com a família, o arrependimento, as brigas com outros adolescentes da instituição, o *"desgosto da mãe"* e o fato de não existir possibilidade de voltar para a cidade onde residia, devido às ameaças às quais estavam submetidos. Após a etapa anterior, os socioeducandos tiveram acesso a técnicas de como regular as suas emoções em momentos de raiva e também compartilharam com o grupo estratégias próprias, como *"tomar um banho"*, *"se afastar"*, *"pensar nos familiares"*, *"pensar no filho"*, *"ler um livro"* e *"pedir paciência a Deus"*. Eles manifestaram interesse em compreender as estratégias levadas pelas mediadoras e relataram que, muitas vezes, têm comportamentos impulsivos por estes serem necessários no contexto onde estão inseridos.

No quinto encontro foram trabalhados o autoconceito e a autoestima, tendo como instrumento lúdico o jogo dos super-heróis. A maioria dos adolescentes demonstrou dificuldade para falar de suas próprias qualidades, porém um deles relatou ser bom em matemática e fazer bem as provas, embora não gostasse de estudar. Houve também um movimento no qual eles passaram a apontar as qualidades uns dos outros: *"Ele sabe desenhar muito bem"*, *"Ele é um cara muito de boa"*.

Sobre os defeitos, os socioeducandos comentaram que tinham muitos, mas não conseguiam nomeá-los. Importa mencionar que, neste encontro, os adolescentes estavam mais à vontade com as mediadoras, inclusive trazendo assuntos mais profundos, como o fato de que nem sempre recebiam um bom tratamento de todos os profissionais, o que vai ao encontro do que traz [Fonsêca e Develati \(2013\)](#) sobre alguns membros das instituições socioeducativas ainda aderirem práticas punitivas no relacionamento com os adolescentes, o que acaba influenciando no ciclo de violência destes.

O sexto encontro foi um momento para motivar ações pró-sociais, com os adolescentes podendo ajudar colegas no jogo, o que também acabava trazendo vantagens para eles posteriormente. Destaca-se que as regras do jogo eram implícitas e a maioria deles conseguiu compreender que quando doavam bombons, recebiam outros em quantidade maior. Ao ser exposto a um dilema do jogo, apenas um dos adolescentes preferiu retirar todos os bombons dos colegas, o que o fez perder todos os seus posteriormente. A reflexão realizada após o jogo demonstrou que os adolescentes compreenderam que pensar no bem-estar do grupo, além de trazer benefícios para o coletivo, também era algo positivo para si mesmos.

O sétimo e último encontro foi o momento de encerramento das atividades. Após assistirem ao filme “Cidade de Deus”, houve um movimento de autonomia dos adolescentes ao falarem sobre as cenas. Inclusive, um deles perguntou a uma das mediadoras sobre o que ela sentiu diante de uma cena que envolvia violência. Os socioeducandos falaram sobre o que mais gostaram e a respeito de comportamentos que, para eles, não eram adequados. Ao fim, o diálogo foi direcionado para uma avaliação de todos os encontros e um dos adolescentes mencionou que a sua percepção inicial era de que as oficinas seriam ruins, e “*apenas para conversar*”, mas que foi melhor do que ele imaginava. Eles avaliaram os encontros como positivos e relataram que foram tratados pelas mediadoras como “pessoas normais”, o que favoreceu o engajamento deles nas atividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção da psicologia no sistema socioeducativo brasileiro está embasada em leis que versam sobre a garantia de direitos e a proteção integral dos adolescentes, bem como sobre a responsabilização destes pelos atos infracionais cometidos. Neste recorte, o psicólogo, enquanto parte da equipe técnica, deve realizar atividades que estejam alinhadas com a promoção de autonomia e melhoria das relações interpessoais desses sujeitos de direitos, como preconizado pela lei do Sinase.

Considerando este contexto, as oficinas realizadas no CASE estiveram de acordo com a referida lei, apresentando contribuições para o desenvolvimento socioemocional dos adolescentes, a exemplo do manejo de comportamentos impulsivos, reflexão sobre a importância da resolução de problemas e valorização de vínculos interpessoais. Ademais, as ações também promoveram a aproximação das discentes com o sistema socioeducativo, configurando-se como um momento de escuta e aprendizagem ainda no contexto de graduação.

Uma das dificuldades encontradas foi relativa à ideia inicial de alguns adolescentes de que a proposta das oficinas era semelhante a de outras atividades que não haviam gostado, o que pode ter levado à desistência de dois participantes ainda nos primeiros encontros. Porém, apesar dessa dificuldade inicial, os socioeducandos que participaram de todas as oficinas demonstraram engajamento e vontade de participar de espaços semelhantes. A avaliação realizada ao final de cada oficina e no último encontro demonstrou que visões sobre a psicologia, as emoções e alguns tipos de comportamentos foram ressignificadas para alguns adolescentes.

Assim, conclui-se apontando a necessidade de que espaços de escuta e cuidado sejam promovidos dentro do campo socioeducativo, utilizando-se recursos de interesse dos próprios adolescentes e considerando as adversidades vivenciadas pelos jovens nesse contexto. Considera-se ainda que a Psicologia, enquanto disciplina com compromisso ético e social, deve cada vez mais ocupar o sistema socioeducativo com práticas promotoras de saúde e autonomia, uma vez que seus instrumentos e intervenções são capazes de promover mudanças psicológicas e sociais.

Especificamente, estratégias como as realizadas com os adolescentes desta instituição podem inspirar outras práticas, devido ao fato de que os adolescentes parecem mostrar ao longo dos encontros abertura para falar sobre a violação de direitos, assim como para construir mecanismos de autonomia e responsabilização. Este, portanto, parece um dos caminhos para que práticas punitivas sejam desencorajadas e práticas promotoras de

reflexão e responsabilização sejam adotadas com adolescentes que estão em cumprimento de medidas socioeducativas.

SUBMETIDO EM: 21/08/2020.

ACEITO EM: 08/05/2022.

REFERÊNCIAS

[ANDRADE, A. N.; MORATO, H. T. P.](#) Para uma dimensão ética da prática psicológica em instituições. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 2, p. 345-353, ago. 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epsic/v9n2/a17v9n2.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2020.

[BRASIL.](#) Lei nº 12.594, de 18 de janeiro de 2012. Institui o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (Sinase). Brasília, DF: Portal da Legislação, 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12594.htm. Acesso em: 18 jan. 2020.

[COSTA, A. L. B.; MENDONÇA, R. C.](#) Psicologia e socioeducação: um diálogo possível sobre a medida de internação. In: MADER, B. J. **Caderno de Psicologia e Justiça: diálogos sobre uma relação em evidência**. Curitiba: CRP-PR, 2016. Disponível em: https://crppr.org.br/wp-content/uploads/2019/05/AF_CRP_CadernoJuridico_pdf.pdf. Acesso em: 19 jan. 2020.

[CROOKS, C. V. et al.](#) Impact of a universal school-based violence prevention program on violent delinquency: Distinctive benefits for youth with maltreatment histories. **Child Abuse & Neglect**, Oxford, v. 35, n. 6, p. 393-400, jun. 2011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S0145213411001141?via%3Dihub>. Acesso em: 15 jan. 2020.

[DUTRA, E.](#) Considerações sobre as significações da psicologia clínica na contemporaneidade. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 9, n. 2, p. 381-387, ago. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000200021&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14 jan. 2020.

[FERRÃO, I. S.; SANTOS, S. S.; DIAS, A. C. G.](#) Psicologia e Práticas Restaurativas na Socioeducação: Relato de Experiência. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 36, n. 2, p. 354-363, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pcp/v36n2/1982-3703-pcp-36-2-0354.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2020.

[FONSÊCA, A. B.; DEVELATI, D. M.](#) O fazer do psicólogo nas instituições de internamento de adolescentes em conflito com a lei. **Cadernos de Graduação-Ciências Biológicas e da Saúde Fits**, Maceió, v. 1, n. 2, p. 35-43, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/267559566.pdf>. Acesso em: 16 jan. 2020.

GURGEL, L. G. et al. Programa de intervenção em escrita e autoestima de adolescentes: uma proposta extensionista. **EXTRAMUROS-Revista de Extensão da Univasf**, Juazeiro, v. 4, n. 2, 2016. Disponível em: <http://www.periodicos2.univasf.edu.br/index.php/extramuros/article/view/774/566>. Acesso em: 18 jan. 2020.

NARDI, F. L.; DELL' AGLIO, D. D. Adolescentes em conflito com a lei: percepções sobre a família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 181-191, abr-jun 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v28n2/06.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2020.

PADOVANI, R. C. **Resolução de Problemas com adolescentes em conflito com a lei:** Uma proposta de intervenção. 2003. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) - Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3089/238.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 18 jan. 2020.

RODRIGUES, D. S.; OLIVEIRA, M. C. S. L. Psicologia cultural e socioeducação: reflexões sobre desenvolvimento humano e infração juvenil. **Revista Subjetividades**, Fortaleza, v. 16, n. 1, p. 104-118, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2359-07692016000100009. Acesso em: 18 jan. 2020.

ROLOFF, E. M. A importância do lúdico em sala de aula. *In*: SEMANA DE LETRAS: 70 ANOS, 10., 2010, Porto Alegre. **Anais [...]** Porto Alegre: EdPUCRS, 2010. p.1-9. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Eleana-Margarete-Roloff.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2020.

SANTANA et al. Intervenções em grupo na perspectiva cognitivo-comportamental: experiências no contexto da clínica-escola. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 47-53, jun. 2014. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-56872014000100007. Acesso em: 18 ago. 2020.

SANT'ANNA, B. A. et al. Torre de Hanói: proposta de utilização do instrumento para sujeitos de 13 a 16 anos. **Revista Psicologia Hospitalar**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 36-56, 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092007000200004. Acesso em: 18 ago. 2020.